A HISTÓRIA EM MIGALHAS
DOS ANNALES À NOVA HISTÓRIA

François Dosse

Editora ensaio
Editora da Unicamp
Movimento de idéias/ idéias em movimento

PREFÁCIO – Elias Thomé Salina

TRADUÇÃO – Dulce A.Silva Ramos

TÍTULO ORIGINAL : L'Histoire en Miettes – Des Annales a la Nouvelle Histoire.

1994 – 2ª reimpressão

ÍNDICE

PREFÁCIO 7
INTRODUÇÃO 13

I. CLIO REVISITADA

1. A PRÉ-HISTÓRIA DOS ANNALES
O RETORNO ÀS FONTES...21
A ERA LAVISSE 36
O DUO DE ESTRASBURGO 43
2. O TEMPO DE MARC BLOCH E LUCIEN FEBVRE
OS HISTORIADORES DO PRESENTE 61
OS INOVADORES..71
OS HISTORIADORES DO MENTAL 84
A HERANÇA 94

II. OS ANOS BRAUDEL

1. A OFENSIVA
A EXPLOSÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS 101
A PLURALIDADE DOS TEMPOS 111
BRAUDEL, O CONSTRUTOR 123
2. O *PARADIGMA*
A GEO-HISTÓRIA 133
"HISTORIADOR ECONOMISTA"
OU "ECONOMISTA HISTORIADOR"? 143
O HOMEM INTERMEDIÁRIO 156

III. UMA HISTÓRIA EM MIGALHAS

1. A ANTROPOLOGIA HISTÓRICA 167
2. A HISTÓRIA SERIAL 181
3. *A NOVA GRADE DO TEMPO*
A HISTÓRIA ATRAVÉS DE MALTHUS 195
O MENTAL FORA DO SOCIAL? 201
4. *A META-HISTÓRIA DO GULAG*
UM DISCURSO SOCIOLIBERAL 213
A NEGAÇÃO DO ASPECTO POLÍTICO 225
5. *A HISTÓRIA IMÓVEL*
A ABORDAGEM ESTRUTURAL 231
A REVOLUÇÃO FRANCESA ESTÁ TERMINADA 235
CONCLUSÃO 249
ÍNDICE DE NOMES 261

2 - O TEMPO DE MARC BLOCH E LUCIEN FEBVRE

OS HISTORIADORES DO PRESENTE

Os historiadores franceses têm, por tradição, fobia à filosofia. Encontramos essa rejeição de toda filosofia da história, na escola dos *Annales:* "Sem metodologia abstrata à moda alemã /.../. As Idéias de um historiador são extraídas da própria história"[1]. Mas, apesar deles, Marc Bloch e Lucien Febvre são portadores de uma concepção de história, portanto de uma filosofia, legível nos conceitos fundadores de sua abordagem histórica. Se o essencial de seus escritos dão destaque à metodologia histórica, abandonando toda a teoria da história, não escapam à regra e o empirismo que defendem já é uma escolha e uma concepção particular da história. Mais do que outras escolas históricas, os *Annales* sofreram as sugestões, as intimações da sociedade contemporânea, já que seus fundadores restabeleceram o elo que une passado e presente. Essa escola não pode, portanto, se abstrair dos valores dominantes da sociedade técnica e moderna que se instala no começo do século XX na Europa. É nessa relação entre a modernidade e os *Annales* que se pode perceber a coerência de seu projeto. Para melhor compreender o espírito "Frente popular"[2], é conveniente seguir o itinerário dos primeiros membros dos *Annales.*

1. L. FEBVRE. *Annales.* 1956. p. 501.
2. R. BONNAUD, conversa com o autor. 16/01/1986.

No início da vida intelectual, Lucien Febvre era socialista fervoroso; escreve, entre 1907 e 1909, no *Le Socialista comtols,* órgão semanal da federação do Doubs da SFIO. No dia 21 de março de 1909, redige mais da metade da primeira página do Jornal com quatro artigos: "Viva a Vidal Abaixo a autoridade"; "Até quando?"; "A propaganda nos campos"; "A manifestação Floquet". Seu estilo e seu objetivo causam espanto quando relacionados às suas posições futuras. Quando mais tarde frequentar as alamedas do poder, enquanto professor do Collège de France, conservará bem a veemência do tom polêmico, mas seu combate será, então, limitado à história, abandonando assim o combate político. Não é esse o caso em 1909, como se pode avaliar por esse artigo: "Ah querido velho Proudhon ! E há pessoas que dizem que você está morto ! Vai, esteja tranquilo: a personalidade humana se empertigará, enfim, ela que há tantos séculos vinha se corrompendo. Imutável nessa degradação. Ela solta, com uma voz ainda fraca, mas que não é mais tímida, o grito libertador que você mesmo soltava: Nenhuma autoridade!" Se Lucien Febvre, no momento da criação dos *Annales,* não está mais engajado no plano político, o mesmo não acontece com certo número de colaboradores da revista. Georges Friedmann, admirador das realizações soviéticas, multiplica os artigos, que contribuem para a glória dos benefícios do sta-llnlsmo; Frantz Borkenau pertence à escola de Frankfurt; Georges Bourgln, historiador da Comuna, é amigo de Lucien Herr e de Leon Blum; o sociólogo Halbwachs morrerá em Buchenwald, em 1945.

Quanto a Marc Bloch, a homenagem que lhe prestou recentemente Borislav Geremek, historiador e conselheiro de Lech Walesa, terminava por "Pode-se morrer por Dantzig"[3], relembrando assim que nem ele nem Marc Bloch fugiram da história quando ela se lhes apresentou, quer seja diante do general Jaruzilski, ou contra o ocupante nazista. Unindo reflexão e ação, esse engajamento total de Marc Bloch lhe custou a vida em 1944. Afirma pertencer a uma geração, a da ponta extrema do caso Dreyfus. É favorável à Frente Popular em 1936 e hostil ao Pacto de Munique em 1938. Quando a guerra o surpreende, aos 53 anos, parte como capitão daquilo que julgou conveniente chamar de guerra bizarra, e que qualificará de *Étrange Défalte.* Evita por pouco a prisão e junta-se a sua família na Creuse de Guéret. A diferença de trajetória manifesta-se, então, entre os dois diretores dos *Annales.* Marc

3. B. GEREMEK. 8° Conferência M.Bloch, 17/06/1986. texto lido por J. Le Goff (B. Geremek ficou retido na Polônia pela policia).

Bloch é contrário à continuação da publicação da revista, que só poderia ocorrer nas condições das autoridades nazistas de ocupação, ou seja, com a direção da revista por franceses sem ascendência Israelita: "Não creio que devemos admitir qualquer aparência de acertar o passo"[4]. Tal não era a opinião de Lucien Febvre, que lhe responde: "É necessário que os *Annales* continuem, é necessário"[5]. A revista continua, portanto, e muda de nome, torna-se: *Mélanges d'histoire sociale* e aparecerá assim até 1944, com dois diretores não israelitas na capa: Lucien Febvre e Pierre Leuilllot. No entanto, Marc Bloch colabora na revista sob o pseudónimo de Marc Fougères. Não pára por aí e se engaja totalmente: "Digo francamente: eu desejo, seja como for, que tenhamos ainda sangue a derramar: mesmo que seja daqueles seres que me são caros"6. Recusa-se a partir, como muitos intelectuais, para a *New School* americana que o convida a fugir do nazismo: pelo contrário, em 1943 se engaja na Resistência ativa à ocupação na região lionesa. Torna-se militante dos *Franco-Atlradores:* "Esse professor eminente vinha com modéstia e simplicidade colocar-se sob nossas ordens"[7]. Torna-se membro do Comitê Diretor do MUR (Movimento Unido de Resistência) da região lionesa sob o pseudônimo de Narbonne: "Logo toda a resistência o conheceu. Bastante, pois ele via, queria ver multa gente"[8]. Na primavera de 1944, a Gestapo prende boa parte do diretório lionês do MUR. Marc Bloch é preso, encarcerado e torturado em Montluc.

Os aliados desembarcam e, como vingança, os nazistas pegam os prisioneiros da prisão de Montluc para execução. Entre esses sacrificados, Marc Bloch. Perto dele: "Um rapaz de 16 anos que tremia: 'Isso vai doer...' Marc Bloch pega-o afetuosamente pelo braço e lhe diz: 'Não, meu rapaz, não vai doer' e o primeiro caiu gritando: Viva a França!"[9] Marc Bloch deixa um testamento espiritual datado de março de 1941, no qual afirma sua Identidade antes de tudo francesa: "Estranho a todo formalismo confessional, como a toda solidariedade pretensamente racial, eu me senti, durante minha vida inteira, antes de tudo e muito simplesmente francês /.../ eu morro, como vivi, como bom francês"[10]. No entanto, apesar desse

4. M. BLOCH, carta a L. Febvre. *Annales d'histoire économique et sociale.* 1945, t. 1. p. 22.
5. L. FEBVRE, carta a M. Bloch, *Ibid.,* p.23.
6. M. BLOCH, L'*Étrange défaite* (1940). ed. Francs-Tireurs. 1946. p. 191.
7. J. P. LÉVY, Colóquio M. Bloch, 17/06/1986.
8. G. ALTMAN. *Annales d'Histoire économique et sociale.* 1945, t. 1 pp. 11-14.
9. L. FEBVRE, *Combats pour D'Histoire, op. clt..* p. 407.
10. M. BLOCH. Testamento espiritual, Clemont-Ferrand, 18/03/1941, *Annales d'histoire économique et sociale,* I, 1945.

ato heróico, essa sensibilidade socializante dos *Annales* dos anos 30 tem pouco peso na medida em que o grupo baseia sua existência na rejeição do político: "Sempre pergunto a mim mesmo como poderia o verdadeiro historiador fazê-la"[11]. A adesão republicana da escola hlstoricista foi operacional, pois serviu ao discurso do poder. Ao recusar o discurso político, os *Annales* deixam de cumprir sua missão de revista de história, que deve esclarecer e ajudar a compreender os fenômenos contemporâneos. Certamente, o *goulag* não era conhecido, mas o fenômeno estalinista o era e Trotsky, vítima célebre no mundo Inteiro desde 1927. Os *Annales* continuam, contudo, a elogiar o estado totalitário stalinista, pois eles se limitam aos progressos das forças produtivas, ao crescimento da indústria pesada, visão pelo menos parcial da realidade soviética. Georges Friedmann faz o elogio do stakhanovismo: "É essa dádiva calorosa da sua experiência e dos seus conhecimentos de que os stakhanovistas dão mostras", e presta homenagem a Stalin: "Entre os discursos de políticos, os de Molotov e os de Stalin são os mais substanciais e sólidos"[12]. Os *Annales* passam ao largo, o que é ainda mais grave, do fenômeno fascista e nazista. Essa lacuna no discurso dos *Annales,* por parte de uma revista que pretende ser progressista, é particularmente significativa e está ainda ligada à negação do político. Essas ausências relacionadas aos postulados errôneos da escola dos *Annales* são, mas tarde demais, amargamente lamentadas por Marc Bloch em seu belo livro, escrito em 1940 e editado em 1946, *L'Étrange défaite:* "Nós não ousamos ser, na praça pública, a voz que grita, a primeira vista no deserto /.../ preferimos nosso confinamento na quietude temerosa de nossos escritórios. Possam nossos cadetes perdoar-nos o sangue que está sobre nossas mãos"[13]. Das palavras de Marc Bloch sobressai certa autocrítica das posições do grupo dos *Annales:* "Nós temos, na maioria, o direito de dizer que fomos bons operários, fomos sempre bons cidadãos?"[14] Questiona nesse momento o fatalismo do discurso dos *Annales* que, ao privilegiar o jogo de forças maciças e negar o papel dos indivíduos e dos engajamentos, acaba se afastando da ação tanto individual quanto coletivo: "Era interpretar de forma errada a história"[15]. Pode-se dizer que esse texto já é, em si mesmo, uma crítica muito lúcida das

11.1. **FEBVRE, op.** *ali.,* **p. 402.**
12. G. FRIEDMANN, *Annales d'Nstolre économique et sociale,* citado por A. GUERREAU. *Le Féodalisme...,* op. *clt.. p.* 122. (Ed. portuguesa, *clt., p.* **147.)**
13. M. BLOCH, *L'Étrange défaite, op. clt.,* p. 188.
14. *Ibid.,* p. 189. 1 5. *Ibid.*

insuficiências, dos ocultamentos do discurso histórico dos *Annales.* Tem multo mais valor porque foi escrito por um dos mestres incontestáveis dessa escola, no momento trágico em que a história bateu à porta do laboratório de especialistas, e eles passaram ao largo, sem a ver.

Se a sensibilidade de esquerda era predominante no período do entre-guerras, no grupo dos *Annales,* isso não significou, como alguns acreditaram, um núcleo de intelectuais marxistas. Certamente, as orientações da revista poderiam algumas vezes fazer acreditar, como d valorização dos aspectos econômicos e sociais, na materialidade histórica e no primado das estruturas subjacentes. Muitos conceitos estão assim tão próximos do marxismo, mas como bem observou T. Stoianowich, a historiografia marxista "é ao mesmo tempo rival e precursora do paradigma dos *Annales"16.* Até os anos 30, o marxismo é pouco conhecido, ele é, bem entendido, reivindicado nos partidos operários, mas essencialmente como práxis. Nos meios universitários, a partir dos anos 30, ele começa a conhecer certa difusão, sobretudo graças ao Círculo da Rússia Nova, fundado em 1932 e dirigido por Daniel Challonge, Charles Parrain e Jean Baby; colabora com esse grupo, entre outros, o historiador dos *Annales,* Georges Friedmann. Esse círculo toma a Iniciativa de organizar inúmeras conferências que permitem a publicação, em 1937 e 1938, de vários volumes que determinam as coordenadas da contribuição do materialismo histórico: *A la lumlère du marxlsme.* O grupo dos *Annales* extraiu numerosas orientações de um marxismo difuso, mal conhecido de seus Iniciadores, para melhor resistir à eficiência do materialismo histórico, uma vez que este último aspirava a ser uma história global. Na sua vontade de ampliação, os *Annales* arriscaram a adesão pura e simples ao marxismo. O grupo lança, pois, as bases de um discurso específico, ao mesmo tempo muralha e máquina de guerra. As resenhas de obras marxistas nos *Annales,* escritas por Luclen Febvre, denunciam o "plano em gavetas", o estudo privilegiado dos movimentos populares e dos líderes revolucionários. Febvre vê no discurso marxista ao mesmo tempo uma concepção tão voluntarista e factual quanto a da história tradicional e também uma forma de espiritualismo econômico. A resenha do livro de Daniel Guérin sobre a Revolução Francesa revela aquilo que Luclen Febvre reprova principal-

mente no marxismo: uma história dos bons e dos maus e a pretensão ao julgamento. Sob o título: "Um livro impaciente

16. T. STOIANOWICH. *French Historical method: the Annales paradlgm.* Ithaca Londres, Cornell University Press. **1976. p. 237.**

sobre a Revolução", denuncia "esta união de Michelet e de Marx, um incesto", e repete: "O historiador não é um juiz"[17]. Quando em 1930 aparece a tradução da obra *A Guerra dos* camponeses, de Engels, Lucien Febvre lhe nega toda contribuição histórica. Sob o título "Um livro sem valor", escreve: "Para conhecer Engels, sim. Para conhecer a guerra dos camponeses, é uma piada"[18]. No entanto, Marx e Engels estão longe do opróbrio atual e são objeto de uma admiração não dissimulada: "Tenho pessoalmente por Karl Marx a mais viva admiração /.../. Entretanto, isso será suficiente para que suas lições sirvam eternamente de modelo a toda doutrina?"[19] Além disso, os jovens historiadores marxistas desses anos, Pierre Vilar, Jean Bruhat... acolhem com muita simpatia essa nova revista que lhes parece tão próxima de suas preocupações. Em 1934, numa revista católica - *Foi et Vie* -, Luclen Febvre elogia os méritos de Marx: "O grande e poderoso problema das relações do capitalismo com a Reforma /.../ quem o colocou primeiro? Não hesitemos em responder: Foi Karl Marx"[20]. Critica, no entanto, o caráter profético da tese de Marx, sua vontade de demonstrar a verdade a todo custo e de usar somente o material histórico como prova para sustentar sua demonstração, ou seja, a da Reforma sendo engendrada pelo capitalismo. Febvre substitui esse percurso causal pela noção de interdependência dos fenômenos. Mas o que Marc Bloch e Luclen Febvre têm em comum com o pensamento de Marx é a vontade totalizadora e globallzante de abraçar o real. Nessa perspectiva, ninguém se espantará ao ler da pena de Lucien Febvre: "Leiam Marx, diria eu de bom grado /.../. Leiam também Lenin, e aqueles que prolongaram o esforço de Marx sobre alguns pontos decisivos"[21]. Tendo à direita o discurso hlstoricista e à esquerda o discurso marxista, o grupo dos *Annales* oferece uma terceira via, ocupa uma posição central, ideal para sua estratégia de poder. Resta-lhe construir um paradigma original, o saber específico que legitime suas pretensões à hegemonia. Desse ponto de vista, o discurso dos *Annales* é um discurso de ruptura com a história tradicional, pois inova e constitui, a

17. L. FEBVRE. *Annales d'histoire* économique *et sociale,* VII, 1945. reeditado em *Combatas pela História, op. clt.,* p. 167.
18. L. FEBVRE. *Annales d'histoire économique et sociale,* p. 437-436. 1930. reeditado em *Pour uno histoire à part entière,* Publlcations EHESS. 1982. pp. 464-455.
19. M. BLOCH. *UÉtrange défalte. op. clt.*
20. L. FEBVRE. *Foi et Vle.* LVII. 1934. pp. 119-138, reeditado em *Pour une Nstolre à part entlère. op. clt..* pp. 350-366.
21. L. FEBVRE, *Annales.* 1935. p. 615-623. reeditado em *Pour une histoire à part entlère. op. clt..* pp. 665-678.

partir desse fato, uma revolução historiográfica. Uma das Inovações, essencial, dos *Annales* da época é o rompimento com a concepção puramente passadista do discurso histórico, a correlação passado e presente na construção de uma história que tenha por campo de estudo não somente o passado mas também a sociedade contemporânea. Enquanto a escola hlstoricista considerava a prática historiográfica, em um percurso cientificista, desvinculada do presente, Luclen Febvre convida o historiador a inspirar-se nos problemas colocados pelo tempo presente, no qual ele vive, pensa e escreve. A interrogação do passado a partir do presente tem para os *Annales* valor heurístico. A história é "uma resposta a perguntas que o homem de hoje necessariamente se põe"[22]. O presente ajuda a pesquisa do passado e permite valorizar uma hlstórla-problema e enriquecer o conhecimento do passado. A partir desse valor heurístico do presente, os *Annales* defendem uma concepção relativista do discurso histórico, pois devido ao fato de a história estar mergulhada em seu tempo e imersa nos problemas do presente, temos como resultado uma construção do tempo histórico, dos clarões, dos recortes cujos limites são aqueles mesmos que permitiram as pesquisas. Trata-se, portanto, de uma construção a ser cada vez descoberta no momento e no lugar em que ela foi enunciada. Cada época constrói sua representação do passado conforme suas preocupações. A história "como necessidade de procurar e valorizar, no passado, os fatos, os acontecimentos, as tendências que preparam o tempo presente, que permitem compreendê-lo e que ajudam a vivê-lo /.../ faz-se o passado do qual ela necessita"[23]. Se o historiador deve, então, reescrever a história em função das interpelações do presente, isso não entra em contradição, para os *Annales,* com o caráter científico que a empresa histórica deve adquirir. Se o presente contribui para o melhor conhecimento do passado, a relação passado-presente funciona também em um outro sentido. O desconhecimento do passado não permite uma boa compreensão e, portanto, uma ação eficaz sobre o presente. Marc Bloch recusa a definição reducionista da história como ciência do passado: "É erro dizê-lo, a meu ver"[24]. O valor heurístico do presente no conhecimento do passado é levado mais longe por Marc Bloch, que preconiza o percurso recorrente do historiador e a abordagem retrospectiva. O historiador parte do presente para

22. L. FEBVRE. *Combats pour l'histoire, op. clt.,* p. 42.
23. *Ibid.,* p. 117.
24. *M.* BLOCH, *Apologie pour.... op. clt..* p. 32. (Edição portuguesa, op. *clt.,* p. 25.)

remontar o fio do tempo até as sociedades do passado. Propõe uma leitura às avessas "porque o percurso natural de qualquer pesquisa se faz do melhor ou do menos mal conhecido para o mais obscuro"[28]. Aplica às próprias pesquisas essa abordagem recorrente. Quando opõe os campos do norte da França aos da Inglaterra[26], começa a constatar o contraste entre os campos plantados demasiadamente alongados da Picardia e a terra dos prados ingleses, fragmentada, cortada por cercas ou barreiras. É a partir desta realidade tangível que ele Interroga o passado para explicar essa dualidade

em regiões, no entanto, tão próximas. Tendo por objeto de estudo os regimes agrários, Marc Bloch parte das paisagens contemporâneas para remontar até o período medieval. Para os *Annales,* o passado é, portanto, consubstanciai ao presente, e Marc Bloch opõe o trabalho de antiquário fechado no culto do passado ao do historiador que tem o gosto de olhar em torno de si[27]. A importância dedicada ao presente é multo sensível na revista dos *Annales,* que está, neste primeiro período, essencialmente voltada para o estudo da sociedade contemporânea. Essa orientação diferencia fundamentalmente os *Annales* das outras revistas e sobretudo da *Revue hlstorique.* A pesquisa realizada por A. Corbin sobre a *Revue hlstorique* entre 1929 e 1939 revela o peso dominante do período dos séculos XIV-XVIII: 33,8% dos artigos; o período contemporâneo no sentido amplo, começando em 1 789, ocupa apenas um quarto dos artigos: 26,6%. A pesquisa realizada por Olivier Dumoulin sobre a revista dos *Annales*[29] demonstra que, durante o mesmo período, os artigos de história contemporânea representam 42,4% dos artigos da revista. Se tomarmos como medida a história ainda mais contemporânea, começando em 1871, a comparação no mesmo período 1929-1938, evidencia: 36% dos artigos dos *Annales,* 8% daqueles da *Revue d'histoire économique et sociale* e 7,5% da *Revue hlstorique. A* preocupação com os problemas contemporâneos está onipresente na revista dos *Annales,* como o revelam alguns títulos do período 1929-1939: "O problema da população na URSS" (1929); "A crise bancária na Alemanha" (1932); "A crise bancária na Europa Central" (1932); "As causas e as origens da crise mundial do trigo" (1936); "A experiência Roosevelt" (1936); "A crise bancária e a grande crise nos Estados Unidos" (1936); "A coletivização agrícola na

25. ***Ibid.,*** **pp. 48-49.**
26. M. BLOCH. "Selgneurle française ot manoir anglais". ***Cahlers des Annales.*** **1967 (curso na Sorbonne, 1936).**
27. M. BLOCH. ***Apologie pour f histoire, op. cif.,*** **p. 48.**
28. O. DUMOULIN. Comunicação, Seminário da EHESS. 1980.

URSS" (1938). Esses títulos nos revelam a presença das questões da atualidade, a ausência do aspecto político e a preocupação mundial do discurso dos *Annales.* O esclarecimento do historiador pode ser utilizado pelo economista, ele pode se prevalecer da função de conselheiro da gestão. A utilização do tempo verbal futuro e do condicional nos artigos da revista revelam-nos essa vontade de ser portadora de um saber operacional, útil aos responsáveis pela sociedade: "Se tivéssemos melhor conhecimento da história econômica, a situação econômica e a situação contemporânea teriam sido mais rapidamente elucidadas"[29]. O elo passado-presente é, portanto, sem cessar reafirmado pelos dois diretores da revista, eles fazem desse elo o próprio sentido do percurso histórico: "Por que falar do passado e do presente? A realidade é una. Convencer todos com provas palpáveis dessa unidade será, amanhã como ontem, o objetivo dos *Annales"*[30]. "Entre o presente e o passado. Nada de compartimento estanque, essa é a antífona dos *Annales"".* Os dois diretores dos *Annales* reivindicam, ainda mais, o elo orgânico entre passado e presente, ao qual aderem com uma lógica gerencial do sistema capitalista. Contam adaptar sua abordagem histórica à era técnica, na qual esperam desempenhar papel útil. É nesse espírito que eles se rodeiam dos responsáveis tanto do melo administrativo como do mundo dos negócios. A revista atrai os especialistas cuja tarefa essencial é agir sobre os aspectos econômicos e sociais. Ela os chama à reflexão sobre suas práticas, ao mesmo tempo em que os chama para o aprendizado, no contato com os historiadores, da perenidade maior ou menor dos instrumentos que manejam no quotidiano: "Dois tipos de trabalhadores feitos para se compreenderem e que geralmente estão lado a lado, sem se conhecerem"[32]. Banqueiros e financistas escrevem nos *Annales,* portanto, e reforçam assim a tendência tecnocrata da revista. A participação deles no discurso dos *Annales* torna desprezível a análise segundo a qual a revista seria a expressão de um discurso marxista. Os *Annales* respondem à necessidade do poder que não pode mais se contentar, no pós-guerra, com a legitimação parlamentar mas tem necessidade de técnicos, de especialistas para assentar mais solidamente e mais cientificamente uma política na realidade das coisas: "As leis da estatística substituíram o espí-

29. Os diretores. "Au bout d'un an ***Annales.*** **1930. p. 2.**
30. ***Ibid.,*** **p. 3.**
31. L. FEBVRE. ***Annales,*** **1932, p. 281.**
32. Os diretores. ***Annales.*** **1929, t. 1. pp. 1-2.**

rito das leis"[33]. Para responder a essa demanda social, é evidente que as Jovens ciências sociais estão melhor colocadas do que a história, e é a esse desafio que os *Annales* respondem ao tentar conectar novamente os interesses dos historiadores com os dos gestores. Apela-se ao presidente da direção geral do Banco Mundial Suíço, de Zurique, G. Back-man; ao diretor do Banco Mundial para o Comércio e Indústria, A. Pose; ao diretor do Banco dos Países da Europa Central, J. Chappey. O modelo americano é fonte de forte inspiração para os *Annales:* "Ver-se-á um dia /.../ tomar assento nos *bureaux* de estudos especializados de nossas principais casas, ao lado do chefe de serviço estatístico, um historiador especializado?"[34] Os colaboradores são também recrutados nos organismos Internacionais da SDN, sobretudo do BIT, dirigido agora por Albert Thomas. Este último faz parte da mesma turma (1899) da École Normale de Lucien Febvre. Velhos amigos, Luclen Febvre dirige-se em seguida a Albert Thomas quando lança a revista dos *Annales:* "Venha a Genebra, escreva-me, todos os negócios parados /.../ eu te ajudarei com todas as minhas forças"[35]. Nesse projeto de criação da revista submetido ao editor, Marc Bloch aproveita suas relações no mundo dos negócios, entre outros, Raymond Bloch, diretor adjunto da exploração das estradas de ferro de Orléans. Pretendia também fazer colaborar os administradores colo-

niais. Os *Annales* adotam, portanto, uma abertura muito original em direção ao *establishment.* Esse encontro com a tecnocracia ascendente vai incitá-los a privilegiar os mecanismos, independentemente da natureza do regime. Os artigos de Georges Friedmann sobre o stakhanovismo ou as crónicas de Gerard Méquet que louvam a União Soviética, são bem sinais dessa leitura economicista da sociedade. Entretanto, esse eixo estiola-se no fim dos anos 30. Em 1938, Luclen Febvre não cessa de repetir a Marc Bloch como censura: "Medieval demais, universitários demais"[36].

33. M. FERRO. *L'Histoire, soux...* op. *clt..* p. Q 125. (Ed. brasileira, op. c/f., p. 88.)
34. *M.* BLOCH. *Annales.* 1931, pp. 1-3.
35. L FEBVRE. Annales, IV, 1939. reeditado em *Combats pour l'histoire, op. clt.,* pp. 348-352.
36. L. FEBVRE, carta a M. Bloch, abril de 1938, citada por O. DUMOULIN, *Professlon hlstorien: 1919-1939.* 1984, rp- 326.

OS INOVADORES

Os *Annales* renovam, portanto, radicalmente o discurso . histórico. Em primeiro lugar, como o título da revista deixa entrever, privilegiam os fenômenos econômicos e sociais até ali abandonados. A pesquisa conduzida por Jean Louis Oosterhoff demonstra, nesse domínio, a oposição fundamental entre a revista dos *Annales,* que dedica, no período 1929-1945, 84% de seus artigos à história econômica e social contra 21,9% da *Revue hlstorique* e 26,5% da *Revue d'histoire moderne et contemporaine.* O abandono da história política beneficia, portanto, o estudo da história econômica e social. Essa evolução integra-se no contexto favorável, como nós vimos, e os *Annales* beneficiam-se da contribuição de dois desbravadores nessa área: Henri Hauser e François Simiand. Henri Hauser obteve, em 1927, a criação da primeira cadeira de história econômica na Faculdade de Letras da Sorbonne. Desempenha, portanto, o papel de pioneiro na institucionalização da história econômica no interior de Faculdades de Letras, da qual Marc Bloch se beneficiará ao suceder-lhe em 1933. O ensino de economia é recente e ao mesmo tempo domiciliado entre os Juristas da Faculdade de Direito, na qual foram introduzidas, em 1878, as ciências econômicas e sociais. Daí resulta um certo isolamento da economia, desvinculada da sociologia, da história social e da geografia humana. Membro tanto da *Revue d'histoire économique et sociale* como também do comitê dos *Annales,* Henri Hauser desconfia das curvas estatísticas preconizadas por François Simiand. Permanece, desse ponto de vista, o "último defensor de uma história econômica pré-serial"[37]. O verdadeiro inspirador da área de história econômica não é um historiador, é, ao contrário, aquele que conduziu a diatribe mais acirrada contra a história, o sociólogo durkheimiano François Simiand. Ele é o verdadeiro precursor de uma história econômica baseada em um aparelho estatístico, que permite delimitar os ciclos regulares em ação nos movimentos de conjunto que envolvem toda a sociedade. Permite estabelecer uma ponte entre os estudos monetários, os estudos sociais sobre os níveis de vida, mas também com aquilo que ele próprio chama de psicologia coletivo, diferencial conforme os grupos sociais. Desde 1930, Lucien Febvre convida os historiadores a superar seu orgulho ferido em 1903 e a ler François Simiand: "Para os

37. O. DUMOULIN, *Dlctionnalre des Sciences hlstoriques.* PUF. 1986. p. 327.

historiadores um livro de cabeceira: o curso de economia política de Simiand"[38]. Luclen Febvre não considera, no entanto, que se deva transpor o método de François Simiand à história, mas que deva se servir dele como fonte de Inspiração e como tentativa experimental. A verdadeira revolução historiográfica nesse domínio, na linha de contribuição de François Simiand, mas efetuando adaptações à história, provém do historiador Ernest Labrousse[39]. O itinerário de Ernest Labrousse é sinal das dificuldades da Inserção da história econômica nas Universidades de Letras. Estudante de história na Sorbonne, na qual é aluno de Aulard, prepara, em 1913, uma DES de história revolucionária: "O comitê das investigações da Comuna de Paris". Interessado pela economia política. Inscreve-se, em 1919, na Faculdade de Direito. Aí frequenta, portanto, os estudos de direito e de licenciatura. Prepara, em seguida, uma pesquisa para sua tese de doutorado sobre a legislação social de assistência de 1 789 até o ano III, mas em 1926 reorienta seu trabalho, voltando-se à história propriamente econômica e publica a tese: *Esquisse du mouvement des prlx* e *des revenus en France au XVIIIe siècle,* em 1932. Essa reviravolta teve forte Inspiração dos trabalhos de François Simiand e de Albert Aftallon, do qual se torna assistente na Faculdade de Direito. É preciso esperar 1943, com *La Crise de l'économie française,* para ver Ernest Labrousse consagrado como doutor em Letras e vê-lo tornar-se, em 1945, professor conferencista e depois professor na Sorbonne. Esse percurso de combatente é muito evocador das voltas e reviravoltas necessárias para fazer uma história econômica científica na época. Ernest Labrousse, leitor entusiasta dos *Annales* desde o começo, permaneceu, no entanto, à margem da história da revista. Não escreverá nela antes de 1945. No entanto, deve sua nomeação em 1938 como diretor de estudos da IV sessão da EPHE a Marc Bloch, que sustentou sua candidatura. A partir daí, é reivindicado como um dos grandes apóstolos da Nova História. Foi bem sucedido ao integrar o termo longo, o estudo das estruturas na sua evolução e o estudo factual no mesmo conjunto, sendo seu objetivo explicar a Revolução Francesa de 1 789. Graças a suas pesquisas sobre os preços e os lucros, torna manifesta a promoção da classe burguesa sobre a base de prosperidade do século XVIII, classe em ascensão, candidata ao poder, mas não esconde, por isso, o

estudo conjuntural das turbulências, das crises de subsistência que se revelam essenciais para a compreensão das mobilizações sociais. Ao correlacionar a queda da Bastilha em meados de julho com o "maximum" dos preços do pão, ultrapassa o relato factual clássico da história metódica sem abandonar, por isso, a consideração dos acontecimentos. Se Ernest Labrousse não ocupa na época uma posição central no dispositivo dos *Annales,* é porque localiza o aspecto político como horizonte de sua abordagem econômica e privilegia o estudo dos antagonismos de classe, enquanto que os *Annales,* tendo o aspecto social como objeto, aspiram a uma sociedade de consenso: "A minha história dirige-se principalmente para os aspectos socioeconômicos e sociopolíticos"[40]. Ernest Labrousse não se distancia multo da história tradicional, aos olhos de Marc Bloch e Luclen Febvre, devido ao fato de não romper com o factual. Permanece essencialmente muito engajado a favor dos *Annales.* Após haver fundado em Barbezieux, em 1910, um "clube de jacobinos", movimento autônomo de jovens socialistas e lançado um jornal, *L'avenlr,* constitui, em 1911, o Grupo de Estudos Sociais de Barbezieux, cuja declaração de princípios apresenta-se por temas de luta: "A emancipação integral do proletariado", "A abolição da miséria", "A república social e universal"[41]. Em plena guerra, em 1916, adere ao partido socialista. Em 1919, é redator de *L'Humanité,* depois do *Populaire,* depois, enfim, do *L'Internationale.* Mas a bolchevização da SFIO expulsa-o de *L'Humanité* em 1924 e pede demissão do partido em 1925. Ao contrário de muitos que conhecem, como Luclen Febvre, o movimento de deriva para a aceitação dos poderes estabelecidos, e em direção ao desengajamento, Ernest Labrousse retorna ao PS em 1938 e dirige a *Revue soclaliste* desde sua fundação (1946) até a sua demissão em 1954, por causa da recusa pela SFIO de apoiar a defesa européia (CED). Ao valorizar os antagonismos sociais, permanece multo próximo da historiografia marxista, à qual não adere e se torna assim marginalizado. "Nessa história sociocultural, a história da consciência de classe não deve figurar em primeiro plano? /.../ Uma das grandes tarefas do estudo das mentalldades coletivas é justamente o estudo social comparado da tomada de consciência nas diversas classes, de seus encaminhamentos de formas múltl-

38. L. FEBVRE. *Annales d'histoire économique et* sociale. 1930. pp. 581-590.
39. E. LABROUSSE, *Esqulsse du mouvement dos príx et des rev&nus en France au XVIIIe siècle* (1932) e *Crise de 1'économle française à la fln de 1'Anclen Regime et au début de la Révolution* (1943).
40. E. LABROUSSE. conversa. *Actes de larecherche en Sciences sociales,* abril de 1980. p. 115.
41. *Ibid.,* p. 115.

plas, de seu grau de extensão nos limites da classe"[42]. No entanto, ele é muito reivindicado e quase embalsamado vivo por uma escola que o vê como o Iniciador de uma história econômica baseada na estatística, na quantificação e no estudo dos ciclos de durações longas e curtas. Os *Annales* contribuem para a promoção dessa história econômica, não para acrescentar simplesmente um novo compartimento no trem da história, mas para Integrar mais elementos de explicação ao estudo de sociedades do passado e do presente, pois a abordagem econômica se integra em um projeto maior do que a estrita disciplina histórica e em um esforço de racionalização do sistema social. Quando Marc Bloch apresenta-se ao Collège de France, começa por defender a história comparativa quando da sua primeira candidatura, mas na segunda, em 1935, muda a linha de seu projeto de ensino no sentido da economia; é como historiador econômico que Marc Bloch pretende ser percebido quando escreve em seu programa: "Ao lado das Idéias e dos sentimentos, as necessidades /.../. Com o substrato econômico estudado segundo os métodos em plena conformidade com seu próprio caráter, enriquecer a Interpretação, em profundidade, da vida social em seu conjunto"[43]. Ao fracassar no Collège de France, sucede Henri Hauser em 1936 na Sorbonne, na qual se encarrega da primeira cadeira de história econômica na Faculdade de Letras. Desde a chegada a Paris, cria com Maurlce Halbwachs o Instituto de História Econômica e Social na Sorbonne. A história dos preços torna-se uma preocupação privilegiada da revista. Luclen Febvre saúda os trabalhos de Earl Hamilton sobre o afluxo de metais preciosos da América e suas incidências sobre os preços. É o começo de uma história serial mas Integrada no conjunto social global. A alta dos preços multo precoce "é imputada inteiramente, diretamente e unicamente ao afluxo de metais da América? Evidentemente que não /.../. Há causas gerais /.../"[44]. Não se fala ainda de séries, mas os *Annales* retomam, por sua conta, aquilo que François Simiand chama "fenomenoscopia contínua", ou seja, a observação contínua no tempo de um mesmo fenômeno em uma perspectiva diacrônica. O historiador pode, então, se apropriar do território da estatística. Se a revista permanece o órgão essencial desta captação, os diretores dos *Annales* compreendem logo que não haverá reviravolta

42. *Ibid.,* p. 114.
43. M. BLOCH, "Projet d'enseignement pour la Collège da France". 1934. citado por G. DUBY. prefácio à *Apologie pour l'histoire,* de M. BLOCH. 1974. p. 11.
44. L. FEBVRE. "Le Problème hlstorique des prix", *Annales.* 1930. pp. 67-80, reeditado em *Pour une histoire à part entière.* op. *clt.,* p. 304.

Irreversível da escritura dos historiadores, sem uma mudança radical dos critérios exigidos na disciplina histórica no plano seleção universitária. O segredo a ser modificado é o concurso de ingresso à carreira de professor universitário de listaria. Em 1935 ainda, uma presidente do concurso universitário feminino de história indigna-se da indiferença dos candidatos pelo gênero biográfico e da sua tendência em seguir "moda" da história dos grupos sociais[45]. Desde 1932, uma carta aberta aparecia no *Bulletin de l'assoclation des professeurs d'histoire, géographie* sobre as provas do referido Concurso; questionava os resultados do concurso, cujos critérios de seleção são os da escola historicizante. A carta é assinada por Luclen Febvre, Marc Bloch, Georges Lefebvre, ^harles-Edmond Perrin e dois geógrafos: Albert Demangeon A. Cholley; ou seja, quatro estrasburgueses e todos colaboradores dos *Annales*[46]. Por duas

vezes, os diretores dos *Annales* retomam o problema do concurso universitário. Em 1934, Lucien Febvre evoca a urgência de repensar os regulamentos, a prática e o espírito do concurso, e fala nisso como de um problema angustiante de todos. Uma nova requisição é redigida em conjunto em 1937, mas os *Annales* não terão êxito nesse domínio ao tentar mudar a direção da instituição universitária, que permanece reticente à aplicação do programa deles. Nenhuma voz influente retomará as proposições de Marc Bloch e Luclen Febvre; Isso evidencia o contraste Impressionante com a maneira pela qual a escola metódica havia obtido êxito ao se moldar à instituição escolar e universitária para dela se apropriar. Mas os quadros encontram-se daqui em diante ocupados, inabaláveis desde o fim do século XIX por um longo tempo, ainda mais que o período de crise, dos anos 30, não era propício a grandes confusões. Ao fazer da fraqueza a força mobilizadora, os *Annales* vão cultivar, a partir desse fracasso, a idéia de párias, de proscritos da universidade, tese de pouca credibilidade mas que permite agrupar mais facilmente as ciências sociais em torno dos historiadores, sem que elas tenham medo de serem absorvidas pelo vizinho mais forte.
Esse deslizamento do aspecto político para o econômico pressupõe o alargamento das fontes, a mudança radical no próprio ofício do historiador, que não pode se contentar com as fontes escritas para ter acesso aos fundamentos da sociedade. Marc Bloch foi o primeiro a escrever uma história agrária.

45. Bulletin de l'association des professeurs d'histoire, géographie, 1935, p. 130.
46. O. DUMOULIN, *Revue d'histoire moderne et contemporaine,* hors série, "100 ans d'enseignement d'histoire", 1984, p. 24.

na qual ultrapassa os quadros Jurídicos e delimita as propriedades. Não se limitou apenas a trabalhar os cartulários à maneira de Henri Sée, mas Integrou em seus estudos a história das transformações da paisagem rural, diferenciando nas plantas parcelares os campos alongados e estreitos e os grandes quadrados compactos. Integrando também o estudo das populações, da demografia, dos Instrumentos de trabalho, da composição dos solos, das variações de produções, das indicações sobre os fluxos monetários e dos laços familiares... Toda a contribuição da escola geográfica e da economia integra-se, portanto, no novo *corpus* do historiador. Em cada número dos *Annales* do entre-guerras, uma rubrica consagrada às pesquisas tem por objetivo sensibilizar para a história econômica e social e para os novos materiais do historiador, que são muitos documentos involuntários e diferentes dos arquivos tradicionais. Esse alargamento dos centros de interesse do historiador não deve, por isso, provocar, nesse estágio, uma descentralização do homem em benefício de um determinismo qualquer, seja técnico ou geográfico. Marc Bloch mostra assim ao mesmo tempo a importância da Inovação técnica e a sua dependência em relação à demanda social. A Integração da contribuição das ciências sociais não se paga em caso algum com a desintegração da história. Outro aspecto Inovador dessa escola dos *Annales* localiza-se na valorização da hlstórla-problema. O historiador, para Marc Bloch e Lucien Febvre, não pode se contentar em escrever sob o ditado dos documentos, deve questioná-los, Inseri-los em uma problemática. Contra a história-relato de Langlois e Seignobos, preconizam a hlstórla-problema, matriz teórica da conceituação futura da história estrutural. O recorte histórico não se articula mais segundo os períodos clássicos, mas segundo os problemas postos em evidência e dos quais se busca a solução. A afirmação de uma hlstórla-problema é o elemento essencial do paradigma dos *Annales* desde 1929, já que, hoje ainda, a uma questão de Bernard Pivot, no *Apostrophes,* pedindo a definição em uma palavra da Nova História, Jacques Le Goff responde: "A Nova História é uma hlstórla-problema". No entanto, a escola dos *Annales* descobriu verdadeiramente que um relato se organiza a partir de um quadro conceituai preestabelecido? Certamente que não, houve muitos antecessores. Por que a bandeira de hlstórla-problema continua a ser operatória e a unir o grupo? "À primeira vista por sua utilidade estratégica: permite-lhes afirmar que eles fazem uma história nova."[47] Quando Luclen Febvre chega ao Collège de France, na aula inaugural de 13 de dezembro de 1933, Insiste essencialmente nesse olhar novo do historiador que rompe com a passividade da escola hlstorlclzante: "Elaborar um fato é construir". "Toda a história é escolha."[48] Ilustração dessa abordagem, senão nova, em todo caso em oposição à história-relato dos historiadores da época, a própria tese de Luclen Febvre defendida em 1911, *Philippe II et la Franche-Comté.* A hipótese central permanece aqui política, seu orientador de tese é Gabriel Monod, trata-se pois de uma obra pré-Annales, antes da rejeição do aspecto político. Mas quando Lucien Febvre aborda o estudo dessa província em um momento de transição difícil, após a sucessão de Carlos V, além de acrescentar uma monografia suplementar ao estudo dos conflitos políticos locais, fixa-se nos conflitos sociais subjacentes e na resistência que se opõe, nessa província, ao progresso do absolutismo: "Trata-se da luta, do combate acirrado de duas classes sociais: nobreza e burguesia. Luta pelo poder, pela influência, pela dominação política"[4]*. Por trás desse conflito maior que inflama a região durante a segunda metade do século XVI, há também, em Lucien Febvre, a busca das realidades quotidianas, das transformações obscuras e até então abandonadas da vida popular. Daí resulta a recuperação de todo o jogo dialético: o das diversas peripécias em que se confrontam o antagonismo provincial e o poder central. Nesse estudo, Lucien Febvre não esconde a Instância política, ele a recoloca simplesmente no coração dos conflitos. O aspecto político não é mais, portanto, o domínio exclusivo das outras tramas da realidade social, mas não deixa de ser central. Descreve esse entrelaçamento de tensões locais e políticas que explodem no momento em que se rompe o equilíbrio estabelecido por Carlos V, e vê o condado a contragosto engajado na política cada vez mais espanhola de Filipe II. Essa história mostra-nos, por trás dos combates dos chefes, a miséria de uma região, bem povoada, a alta dos preços, as devastações provocadas pela passagem cada vez mais frequente das tropas reais, sem contar as calamidades naturais e a peste dos anos 1584-1586, mais violenta do que nunca. Lucien Febvre não esquece a decorrência do duplo

movimento do declínio da nobreza feudal e da pro-

47. H. COUTAU-BÉGARIE, *Le Phénoméne nouvelle histoire, op. clt..* p. 52.
48. L. FEBVRE. "leçon d'ouverture au Collège de France". 13/12/1933, reeditado sm *Combats pour 1'Nstolra. op. clt..* pp. 7-8.
49. L. FEBVRE. *Philippe II et la Franche-Comté* (1912). Flammarion. 1970. p. 9.

gressão da burguesia que enriquece graças ao desenvolvimento do comércio e da usura: "Com tal esforço, a vítima era o camponês. Ele que Já fazia viver o nobre, criava ainda a riqueza do burguês"[50]. É todo um quadro da sociedade do Franco-Condado que Lucien Febvre nos apresenta, de forma problemática e dinâmica, na medida em que essa sociedade é melhor percebida a partir de um conflito de dimensões sociais e políticas, conflito esse que provoca mutações Irreversíveis ao termo das quais a própria natureza dessa sociedade mudou.
Se a hlstórla-problema constitui a matriz teórica da futura história estrutural, Isso é ainda mais verdadeiro em Marc Bloch, que quer recuperar a estrutura da sociedade feudal: "O que nos propomos tentar aqui é a análise e a explicação de uma estrutura social, com as suas conexões"[51]. Já em *Les Caracteres originaux.* Marc Bloch se levantou contra a superestimação dos efeitos econômicos das epidemias na explicação da crise dos séculos XIV-XV; ao contrário, põe em evidência o peso da baixa dos rendimentos senhoriais, dando assim o primado às bases estruturais de um sistema social. Mais tarde, na obra *A Sociedade feudal,* percebe uma realidade total que engloba, em uma mesma coerência, o aspecto econômico, o social e o mental: "A evolução da economia desencadeava uma verdadeira revisão dos valores sociais"[52]. Anunciando todos os trabalhos futuros sobre os laços de parentesco, Marc Bloch pensa a ligação entre os laços de sangue e o feudalismo: "Às vastas parentelas de há pouco, vêem-se lentamente suceder grupos muito mais semelhantes às nossas pequenas famílias de hoje /.../". Mas: "Não devemos Imaginar, desde o longínquo tempo das tribos, uma emancipação regular do indivíduo"[53]. Mostra assim que o vassalo perante o senhor, e reciprocamente, tece de fato laços similares aos laços de parentesco com ele e Isso significa direitos mas também deveres. Nesse sistema feudal, a possessão do feudo não se transmite automaticamente na morte do detentor e, no entanto, a lei hereditária teria razão de ser, pois a realidade social acaba sempre por se impor à realidade Jurídica, da mesma maneira que o historiador do social recupera uma realidade muito mais complexa e rica do que o historiador que se limita ao domínio do direito escrito. A delimitação dos quadros estruturais de uma sociedade não signi-

50. *Ibid.,* p. 149.
51. M. BLOCH. *La Societé féodale,* op. *clt..* p. 16. (Edição em português, op. *clt,* p. 15.)
52. *Ibid.,* p. 114.
63. *Ibid.,* pp. 203-206.

fica, para Marc Bloch, a morte do movimento histórico, da evolução e das transformações. Percebe bem a linha de fissura, de ruptura a partir daquilo que ele chama de segunda era feudal. Desenvolve-se, então, um mecanismo Inverso ao do primeiro período, que era de centralização, de concentração, de Instalação de organismos com ralos de ação mais amplos. Toda a estrutura da sociedade foi perturbada, animada pelo fim das Invasões, pelo crescimento demográfico, pelo aumento dos arroteamentos, pelo desenvolvimento urbano, pela generalização da circulação monetária... Daí, temos como resultado o desaparecimento daquilo que fundamentava Justamente a feudalidade, ou se|a, o enfraquecimento do estado. Todavia, o senhorio sobrevive à feudalidade. Marc Bloch Inscreve, portanto, seu estudo estrutural em uma profunda dinâmica histórica que a modifica tanto no interior como no exterior.
Outro campo, na época, particularmente fértil, sofre uma verdadeira captação em benefício do território do historiador. Trata-se da geografia, transformada em geo-histórla, novo paradigma multo fecundo que servirá de quadro obrigatório para todos os estudos monográficos do período pós-Segunda Guerra Mundial. Essa geo-histórla nasceu do reencontro entre a proposta de Vidal de La Blache e a dos *Annales.* Marc Bloch e Luclen Febvre destacam aqui o desafio lançado por uma escola geográfica resplandecente. Eles não hesitarão, assim como seus sucessores, em percorrer em todos os sentidos o território geográfico antes de efetuar pura e simplesmente a apropriação do mesmo, quando a escola geográfica perder sua vitalidade. Esse casamento corresponde à atmosfera da época, a da revalorização da região, da província nessa França em que se começa a perder a consciência, antes de Jean-François Gravier, da grande centralização. Isso contribuiu para o sucesso da geo-histórla, que escolheu como eixo a região e o questionamento da especificidade de cada uma: "Os grupos sociais, que exprimem o homem real, são as unidades naturais geográficas e econômicas: a região e a profissão"[54]. Os estudos demográficos, econômicos e das relações sociais são os eixos centrais de pesquisa privilegiados pelos *Annales,* aliás, os que se adaptam melhor a um espaço restrito onde o conhecimento dos dados estatísticos e sua síntese são mais fáceis de realizar para uma região do que para um espaço mais vasto. O esclarecimento histórico característico dos *Annales* aclimata-se, portanto, a

54. *Plans.* nºl, p. 16.

essas unidades geográficas de dimensão bem restrita. Para trabalhar em profundidade, é preciso escolher as unidades com dimensão humana, esse é o único melo de realizar a síntese à qual os promotores dos *Annales* aspiram. Luclen Febvre estava particularmente próximo da escola vldaliana, colega de Jules Sion na École Normale, amigo de Albert Demangeon, colaborador dos *Annales* e com o

qual escreve, em 1931, uma obra sobre o Reno. Na *Revue de synthèse hlstorique* confiam-lhe a responsabilidade de acompanhar as produções da escola geográfica francesa. A partir de 1905, escreve para a *Revue de synthèse hlstorique* uma monografia sobre o Franco-Condado no quadro de uma série sobre as regiões da França, conforme os preceitos de síntese Indicados por Henri Berr. Antes de apoderar-se do território geográfico em benefício do historiador, Luclen Febvre utiliza suas resenhas bibliográficas para travar um diálogo Interdlsclplinar e para elogiar os méritos dos trabalhos geográficos, para que os historiadores neles se Inspirem. Fixar a escritura histórica na permanência, na longa duração, em contato com a geografia e, ao contrário, mostrar em que a natureza é levada a se modificar no curso de sua história; assim é a dupla perspectiva na qual se Inscreve a ruptura dos *Annales,* que pensa as relações entre historicidade e geografia em termos complementares e em termos de solidariedade necessária. Nas resenhas, Luclen Febvre defende os trabalhos geográficos fundamentados em hipóteses e em problemas centrais; ao contrário, critica com veemência tudo que seja do domínio do plano em gavetas, e da simples compilação[55]. Da mesma forma que preconiza a hlstórla-problema, defende uma geografia-problema. Em seu estudo sobre o Franco-Condado, Luclen Febvre mostra como o nome dessa região não tem origem geográfica, mas histórica, que designa não um país, mas um estado, e recobre uma diversidade muito grande em relação aos embasamentos geomorfológicos, climáticos, de produções e de populações. Essa demonstração permite fazer aparecer melhor o papel maior do homem: "A parte do homem permanece preponderante. Pois foi ele que, a partir de fragmentos díspares, precisou forjar uma unidade política, um estado"[56]. Trata-se de uma conclusão similar à que Marc Bloch enuncia na mesma série sobre as regiões da França, na qual estuda a Ile-de-France: "A Ile-de-France está desprovida de unidade regional"[57]. Em 1922, Lucien Febvre

55. L. FEBVRE, C. R. de la Basse Normandia" de FELICE, ffevue de *synthèse hlstorique.* 1907.
56. L. FEBVRE. *PNllppe ll et la Franche-Comté, op. clt.,* pp. 30-31.
57. M. BLOCH, *Ulle-de-France,* 1913, reeditado em *Mélanges M. Bloch.* S. Fleury. EHESS,

intervém no debate que opõe sociólogos e geógrafos com *La Terre et l'evolution humaine;* toma o partido dos geógrafos ao fazer a apologia do vidalismo, mas com o objetivo de melhor assimilar o território deles. Recusa o OPA lançado pelos sociólogos durkheimianos, que pretendem Integrar a geografia sob a nova designação, morfologia social: ela "não pretende suprimir a geografia humana em benefício próprio"[58]. Lucien Febvre retoma os argumentos de François Simiand contra a geografia, desta vez para recusá-los. Os geógrafos podem apenas alcançar as condições possíveis e não as explicações definitivas, e só as causalidades simples, mas certamente isso, ao contrário, não invalida a riqueza da geografia: "A geografia não pretende ser a ciência das necessidades"[59]. Para Lucien Febvre, os objetos e os métodos da sociologia e da geografia estão simplesmente multo distantes. Ao contrário, a história renovada, tal como a concebem os *Annales,* é feita para entender-se com a geografia de Vidal de la Blache. Essa dupla revolução deve desembocar em uma simbiose no quadro da observação e das pesquisas experimentais: "Uma Imensa perspectiva de trabalho abre-se para nós, historiadores e geógrafos, para um futuro indefinido"[60]. Lucien Febvre Intervém também no debate entre a geografia alemã de Ratzel e Vidal, tomando vigorosamente partido desse último. Identifica a geografia política de Ratzel, ordenada em torno de noções de posições e de espaços, com a história política que recusa e apresenta, portanto, a ruptura vidaliano como a prefiguração, no domínio geográfico, daquilo que pretende realizar no domínio histórico em relação à história historicizante. Lucien Febvre acerta também suas contas com o determinismo geográfico; opta pela noção vldaliana de possibilismo. A natureza não é uma entidade neutra que condiciona a vida humana, ela é, desde o início, humanizada, já profundamente transformada pelo homem: "Jamais os fatos naturais exercem sobre a vida dos homens uma ação puramente mecânica, cega e impregnada de fatalidade"[61]. Critica aqui o debate Interno dos geógrafos para condenar os estudos tradicionais de geografia, fundamentados em um determinismo inexorável das condições naturais. Mesmo que caminhe no sentido das teses da geografia humana nova, a acolhida que lhe é reservada por essa última é, pelo menos, crítica. Compreende-se que, desse

58. L. FEBVRE. *La Terra et révolutlon humaine* (1922), A. Michel, 1970, p. 78. 59 *Ibid.,* p. 84.
60. *Ibid.,* p. 398.
61. *Ibid.,* p. 393.

lado, Luclen Febvre não Intervém como árbitro neutro, mas realiza uma manobra de apropriação da herança vldaliana, sob a égide da História Nova. Camille Vallaux acusa Lucien Febvre de querer "arruinar a geografia humana" e até Albert Demangeon, no entanto, futuro colaborador dos *Annales,* Intervém para denunciar em Luclen Febvre um "abuso do espírito crítico", um "esforço mais negativo do que positivo" e a vontade de "criar o perigo pelo prazer de denunciá-lo"[62]. Se Lucien Fevbre lança aqui as bases da colaboração orgânica entre geógrafos e historiadores, o preço pago por Isso foi o Isolamento dos geógrafos em relação aos sociólogos. Se o resultado foi o enriquecimento do discurso histórico, o outro resultado foi o desperdício do dinamismo da geografia que, ao se dedicar à historicidade, perde ao mesmo tempo a reflexão epistemológico específica e a possibilidade de ver desabrochar uma geografia social ou política nova, ao deixar à história o cuidado de explicar, de avaliar a parte das condições naturais ao lado de outros fatores e ao abandonar por Isso as contribuições sociológicas. A outra grande apropriação do território geográfico é realizada por Marc Bloch quando integra na obra *Les Caracteres orlglnaux de l'histoire rurale* française(1931) a história da paisagem rural, ao explorar os documentos que

constituem as séries de planos parcelares. A simbiose entre a história e a geografia encontra aí sua realização magistral e os geógrafos, seduzidos, acabam por se alinharem.
Um dos incidentes essenciais dessa orientação do discurso dos *Annales* para o econômico, para a vida material e para a geografia, é a lentidão da duração. O tempo breve dos regimes e dos reinos foi substituído pelo tempo longo. O historiador tende a privilegiar aquilo que dura, aquilo que se repete para poder estabelecer os ciclos longos, as tendências seculares. Essa Nova História rompe, portanto, também nesse plano com a história historicizante, puramente factual, que ainda domina no Início do século XX e cuja caricatura é atingida por esse trabalho defendido no exame da Sorbonne em 1906: *La Révolution de 1848: études critiques sur les journées des 21, 22. 23 et 24 févrler 1848,* transformado em tese volumosa de 535 páginas, em 1911, por Albert Crémieux. Ao contrário, 45,9% dos artigos dos *Annales* durante o período 1929-1939 tratam da longa duração, contra 30,7% da *Revue hlstorique* e 25,3% da *Revue d'histoire moderne et contemporaine*[63].
Outra orientação retomada pelos *Annales* e sobretudo por Marc Bloch põe em relevo o desafio durkheimiano: a história comparada. Marc Bloch propõe na cidade de Oslo, em 1928, um programa de história comparada das sociedades européias. Nele exprime com precisão o que é Importante e os métodos. Os sociólogos fundamentam sua disciplina como ciência na medida em que adotam a comparação. Marc Bloch retoma essa perspectiva para os historiadores: "O futuro, talvez, de nossa ciência custará esse preço"[64]. As condições necessárias para o sucesso dessa empresa são, para Marc Bloch, comparar aquilo que é comparável, ou seja, as sociedades que tenham Inicialmente, entre elas, certa similitude. Para evitar um percurso não-histórico, ao manejar grandes generalidades extra-espaciais e temporais nas grandes comparações de ordem analógica, Marc Bloch limita a comparação entre sociedades do mesmo tipo e considera esse percurso como multo mais científico do que as exegeses sobre as similitudes entre as sociedades primitivas e a antiga sociedade ocidental. É importante, pois, partir de uma proximidade seja espacial, seja temporal. A história comparada deve permitir ao historiador ter acesso às causas fundamentais dos fenômenos observados e deve revelar-lhes as verdadeiras causas das semelhanças e das diferenças. O outro Interesse maior da comparação é fazer a história sair das fronteiras artificiais que fundamentam a pesquisa, transgredir os compartimentos topográficos, como, por exemplo, as fronteiras nacionais dos estados aplicadas à Idade Média ou a outras épocas em que elas constituem um anacronismo. A comparação permite que Marc Bloch adote um vasto horizonte para testar suas hipóteses. É assim que jamais separa os elementos da história francesa dos elementos da história da Europa, não para compor um conjunto uniforme, mas, ao contrário, para revelar as características originais e as diferenças. Partindo de um ponto de vista europeu do estudo da sociedade feudal, com exceção de uma alusão ao Japão, constata uma ruptura Interna, a partir da herança comum da Antiguidade, entre a Europa ocidental e o resto da Europa. intuição notável de um historiador antes de Yalta, que sugere a existência de uma divisão multo mais antiga do que a de 1945. Todo inventor é, à sua maneira, um pouco profeta.

62. A. DEMANGEON, citado por N. BROC, *Au berceau des Annales.* Presses de l'université de Toulóuse. 1983. p. 258.
63. O. DUMOULIN. *Profession hlstorien: 1919-1939. op.* cif., p. 261.
64. M. BLOCH. "Pour une histoire comparée des societés européennes. *Revue desynthèse hlstorique,* dezembro de 1928, reeditado em *Mélanges M. Bloch. op. clt.*. p. 16.

OS HISTORIADORES DO MENTAL

Em sua empresa de captação, Marc Bloch e Luclen Febvre apropriam-se de outra área do saber, a que se chama de estudo das mentalidades e que provém de disciplinas estranhas à história: a etnologia e sobretudo a psicologia. Luclen Febvre utiliza, para esse plano, os trabalhos de seu amigo e colega da École Normale, Charles Blondel. Este último emprega, de fato, a noção de mentalidade primitiva a partir de 1926, noção essa já presente em Lucien Lévy-Bruhl em 1910[65]. Esse novo enxerto disciplinar permitiu a constituição da psico-hlstória, que se tornou possível devido às carências de uma disciplina psicológica, dividida entre sua vocação para a prática e seu trabalho teórico, e que não teria, de imediato, grande repercussão, se não fosse a orientação das pesquisas de Marc Bloch e Lucien Febvre. Essa mudança de rumo em direção às mentalidades prefigura, entretanto, as evoluções futuras e o avanço Irresistível dos anos 60. Nesse primeiro período dos *Annales,* a parte da história cultural, no sentido amplo, permanece limitada e até inferior ao lugar que ocupa na *Revue hlstorique.* Temos aí uma ruptura multo sensível entre as preocupações cada vez mais fundamentadas no mental de Luclen Febvre e o conteúdo da revista que permanece prioritariamente econômico e social. A obra dos dois mestres dos *Annales* está, no entanto, bem impregnada do anseio de decifrar o universo mental. Alimenta-se de duas fontes: a da psicologia, cuja influência é - na época - particularmente importante entre os historiadores que querem renovar a disciplina: "Em suma, a história é a própria psicologia: é o nascimento e o desenvolvimento da psique"[40], mas alimenta-se também da sociologia durkheimiana. Essa dupla inspiração influencia diferentemente os dois diretores dos *Annales.* Lucien Febvre é mais sensível à preocupação propriamente psicológica, ao confronto entre o homem singular e o universo mental no qual ele intervém. Abre assim uma brecha crítica na história tradicional das idéias, ao situar a tarefa do historiador no plano da articulação entre a

obra e as condições sociais e mentais que lhe deram origem. A orientação de Lucien Febvre é ainda bem marcada pelo humanismo clássico, pela percepção do homem enquanto indivíduo. Reage contra o que considera um excesso cientificista, a eliminação do homem. O horizonte histórico de Lucien Febvre, o ponto nodal de sua pesquisa, acaba por ser a psicologia histórica. Para realizar a Introspecção do universo mental e psíquico, retoma cada vez mais o Indivíduo como terreno de análise, quer seja Lutero, Rabelais, Margarida de Navarra, quer seja o domínio do consciente, do consciente singular. Marc Bloch toma emprestado outro caminho em sua abordagem das mentalldades. A partir de 1924, com *Les Rois thaumaturges,* dedica mais tempo à descrição das práticas coletivas, simbólicas, das representações mentais não-conscientes dos diversos grupos sociais. Marc Bloch alimenta-se mais da contribuição da sociologia durkheimiana do que da psicologia para ter acesso ao mental. Seu percurso assemelha-se mais ao do estruturalismo e anuncia os métodos da antropologia histórica. Por essa razão, Luclen Febvre, que é multas vezes apresentado como o iniciador da história das mentalldades, não será aquele que terá mais herdeiros. "A orientação teórica que dominava as ciências sociais nos anos 50 convidava a seguir o caminho traçado por Marc Bloch."[67] A psicologia histórica logo saiu de moda enquanto que, ao contrário, alimentadas pelo estruturalismo, as pesquisas das lógicas internas do quotidiano, das representações coletivas não-conscientes, das condições da produção cultural, dos fenômenos mentais em sua articulação com a vida social e com os grupos sociais, tiveram um futuro mais fecundo. O mesmo interesse pelo mental, mas duas vias abertas e duas filiações para uma mesma escola histórica. Essa dualidade | se manifesta quando Lucien Febvre resenha *A Sociedade Feudal* de Marc Bloch nos *Annales,* em 1940. Apesar da amizade e da fraternidade intelectual e afetiva que liga os dois homens, Lucien Febvre foi bem crítico diante do livro de Marc Bloch: "Não estou completamente satisfeito /.../. Da minha parte, o que me toca, uma vez o livro fechado, é que o indivíduo está quase inteiramente ausente /.../. E ainda diria, de bom grado, se eu ousasse, que na obra de Marc Bloch há indicação de uma espécie de retorno para o esquemático. Vamos dar nome aos bois, um retorno para o sociológico, que é uma forma sedutora do abstraio"[68].

A psicologia é, portanto, a grande inspiradora de Luclen Febvre, que defende uma história dos sentimentos, do amor,

65. LÉVY-BRUHL. *Les Fonctlons mentales dans les soclétés Inférleures,* 1910.

66. H. BERR, *La Synthèse en histoire,* 1911, citado por J. REVEL. *Dlctlonnalre des Sciences hlstoriques.* PUF. 1986, pp. 450-456.

67. A. BURGUIÈRE, *Y-a-t-ll une nouvelle histoire?.* Colóquio d» Loches, Instituí collegial european. 1980, p. 28.

68. L. FEBVRE. *Annales,* pp. 39-43, 1940, a pp. 125-130 em 1941, reeditado em *Pour une histoire à part entière, op. clt..* pp. 413-427.

da morte, da piedade, da crueldade, da alegria, do medo..., mas logo exprime com precisão que essa história deve se Integrar no estudo global de uma civilização e não se Isolar de suas raízes, enquanto objeto desvinculado de seu contexto nas grandes generalizações diacrônicas ou sobre a natureza humana: "Quando digo: não temos história do amor, nem da alegria - é preciso compreender que eu não exijo um estudo sobre o amor ou a alegria através de todos os tempos, todas as Idades e todas as civilizações"[69]. A psicologia é, portanto, percebida como material para o historiador, ela deve inserir-se na análise das civilizações, das quais não é dissociável. No centro da problemática de Luclen Febvre, temos o binômio indivíduo/sociedade que se enuncia assim: "O Indivíduo é apenas o que sua época e o seu meio permitem que ele seja"[70]. Na obra *Luther™,* Lucien Febvre confronta a psicologia de um Indivíduo, Lutero, com o universo mental da Alemanha do século XVI. É do seu encontro que nasce a reforma da Igreja e a dissidência com Roma. Ao contrário dos estudos tradicionais, não é o peso do indivíduo que é valorizado, pois Luclen Febvre rejeita firmemente essa concepção de história, mas o universo mental que prevalece, lugar de reencontro entre as aspirações individuais e as coletivas. Contudo, Luclen Febvre, por esse estudo de psico-hlstória, tem a tendência de abandonar as realidades sociais, no entanto presentes na tese sobre o Franco-Condado, em proveito do mental. A psicologia retrospectiva ou psicologia histórica tem a vocação de recuperar os quadros mentais dos períodos do passado, romper com a concepção de uma natureza humana atemporal, imutável, assim como todo anacronismo, ou seja, a tendência natural de transpor nossas próprias categorias de pensamento, de sentimento, de linguagem para as sociedades nas quais elas não têm significado ou o mesmo significado. É o sentido da obra *Rabelais,* publicada em 1942: "Evitar o pecado dos pecados, o pecado entre todos Irremissível: o anacronismo"[72]. Lucien Febvre critica nesse livro a tese de A. Lefranc que fez de Rabelais um racionalista, um livre pensador. Interroga-se sobre a possibilidade da descrença no século XVI e reconstitui, para esse fim, a utensilagem mental da época, para dela deduzir que Lefranc cometeu o pecado do anacronismo, e leu os textos do século XVI com os olhos de um leitor do século XX. A utensilagem mental do século XVI não permitia, aos olhos de Luclen Febvre, a irrupção de um pensamento lógico que nasce mais tarde com o século XVII cartesiano, Galileu e a gramática de Port-Royal. Mostra até que ponto o cristianismo enquadra totalmente a vida coletivo e individual, no século XVI: "Era o próprio ar que se respirava"[73]. Se a descoberta das estruturas de pensamento do século XVI pode parecer moderna e prenúncio do estudo das formações discursivas, conduzido por Michel Foucault, subsiste ainda certo número de referências a um evolucionismo eurocêntrico ultrapassado, nessa obra de Lucien Febvre que evoca "a deficiência ou lacuna de pensamento"[74] do século XVI, a respeito das lacunas do vocabulário da época, da falta de uma sintaxe que tem como resultado uma "Impressão de saltitamento e de incoerência"[75]. A religião de Rabelais não pode ser lida à luz do agnosticismo futuro, mas deve, ao contrário, referir-se a Erasmo, ao pensamento do

Renascimento, segundo o qual trata-se de afirmar o valor absoluto da natureza e da humanidade. Tal não será, mais tarde, o percurso de Mikhail Bakhtln sobre o mesmo objeto, Rabelais[76]. Ele nos dá uma leitura de Rabelais como sinal, reprodução de toda cultura popular, específica, em situação mesmo de exterioridade em relação à cultura erudita e oficial. A utensilagem mental de Luclen Febvre encontra-se dividida a partir do dualismo social. Nesse quadro, Rabelais é apresentado como o escritor que teve êxito no reencontro da espontaneidade e da pureza de uma cultura esmagada pelos mecanismos opressores do estado. A importância atribuída por Rabelais às atividades corporais, à vida material apenas retomaria a herança dessa cultura, desse mundo à parte, lugar de resistência. Esse horizonte social escapa a Lucien Febvre, que estava absorvido pela perspectiva de construção da psicologia histórica.

O segundo instrumento de abordagem do mental preconizado por Lucien Febvre alimenta-se da construção de uma história literária, da qual Rabelais é uma Ilustração perfeita. Trata-se ainda de uma tentativa de captação que atinge desta vez a disciplina mais implantada na universidade: o

69. L. FEBVRE. *Annales d'histoire économique et sociale.* 1941, reeditado «m *Combates pela História, op. cif.,* p. 230.
70. L. FEBVRE. *Encyclopédle française. 'História e psicologia". 1938. t. VIII. reeditado em Combates pela História, op. clt.* p. 209.
71. L. FEBVRE. *Un destln: M. Luther* (1928). PUF. 1968.
72. L. FEBVRE, */tabelais ou le problème de 1'Incroyance au XVIe siècle* (1942), A. Michel, 1968, p. 15. (Edição em português: O *Problema da descrença no século XVI. A religião de Rabelals.* Início, s/d, p. 16.)
73. *Ibid.,* p. 308.
74. *Ibid.,* p. 328.
75. *Ibid.,* p. 332.
76. *M.* BAKHTIN. *L'Oeuvre de F.Rabelals et la cultura Populaire au Moyen Age et à la Renalssance.* Gallimard. 1970. (Edição em português: *A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelals,* São Paulo, UNB/Hucitec, 1987.)

estudo literário. O primeiro número da *Revue de synthèse hlstorique* de Henri Berr, em 1900, compreende, de fato, um artigo manifesto de Gerard Lanson que expõe suas ambições: socorrer uma certa esclerose dos literatos. Deseja historicizar a abordagem da literatura, mas tem como companheira a escola historicizante cujo objeto privilegiado é mais a revanche contra os alemães do que a literatura. Embora Gérard Lanson seja, de uma certa maneira, bastante Influenciado pelas posições de Charles Seignobos e de Charles Langlois, dos quais elogia os méritos e o métodos, é também Inovador quando se propõe descobrir a realidade Ignorada da literatura das províncias, a dos anônimos, dos esquecidos... Mas lança também as bases de uma sociologia da literatura e de uma história das mentalldades, quando busca conhecer as condições da produção e da circulação literárias, da relação que estabelece o leitor com a obra e as razões do sucesso de tal ou tal romance. Rompe com a monografia tradicional dos grandes autores ou das grandes obras, cultuadas em nome da perenidade da natureza humana: "Os livros existem para os leitores /.../, Quem lia e o que se lia? Eis duas questões essenciais"[77]. Se esse programa não será realizado pelos literatos, será, em compensação, reivindicado por Luclen Febvre, no qual se identifica bem que a preocupação maior é a mesma de Gérard Lanson. Em 1941, Luclen Febvre fica admirado com o abandono do programa de Gérard Lanson e, através de seus trabalhos pessoais sobre Lutero e Rabelais, mostra que os historiadores estão a ponto de realizá-lo: "Uma história histórica da literatura, em uma época dada, nas relações com a vida social dessa época /.../. Seria necessário para escrever, reconstituir o melo, perguntar-se quem escrevia e para quem: quem lia, e por que /.../"[78]. Retoma, portanto, palavra por palavra, as perspectivas de pesquisa de Gerard Lanson, mas dessa vez dirigidas pelos historiadores. A literatura constitui, então, um instrumento eficaz para recuperar a sensibilidade de outrora, mas ela é apenas um elemento de um quebra-cabeça multo mais complexo. O historiador deve apropriar-se de outros campos de estudo, como o da iconografia artística, assim como o da ciência nova, em pleno desenvolvimento, a linguística. Nesse domínio, Luclen Febvre é influenciado por Antoine Meillet, cujo estudo da língua grega está todo Impregnado de histó-

77. G. LANSON. "Programme détudes sur l'histolra provinciais da la vis littéraire en France', 1903. em *Essals de méthode et d'Nstolre littéraire,* Hachette, 1965, p. 83.
78.L. FEBVRE, "Do Lanson à Mornet: un ranoncement?', *Annales d'hhtolre sociale,* 1941, retomado em *Combats pour l'histoire,* op. *clt,* pp. 263-268.

ria. “Fazer a história dos eialetos gregos é fazer a história da colonização grega”[79]. Essa osmose entre hipóteses históricas e hipóteses lingüísticas pode consolidar a posição central e federalista da disciplina histórica. Se a história tiver êxito naassimilação da literatura, da lingüística e da iconografia, poderá aspirar a um futuro resplandescente no domínio do conhecimento da cultura.

Marc Bloch partilha com Lucien Febvre esse interesse pela história das mentalidades. Na perspectiva de sua contrução, dedica também um lugar central à psicologia. Não está isento do desvio mentalista quando considera os fatos psicológicos, pois o historiador deve buscar os antecedentes na mesma história psicológica. Quando Marc Bloch preconiza uma história das práticas alimentares [80], encontra a mesma inspiração de Lucien Febvre, pois este dirigiu uma pesquisa etnológica sobre os “fundos de cozinhas” das diversas regiões francesas, a inspiração da história da civilização material que conhecerá grande sucesso, bem mais tarde, nos anos60. Entretanto, Marc Bloch não escreve a mesma história das mentalidades de Lucien Febvre. Sua inspiração principal é outra. Ele se alimenta menos da psicologia e mais da antropologia histórica nascente que acompanhou mais de perto.Foi, de fato, na École Normale, colega de Louis Gernet e de Marcel Granet, que reencontra, em seguida, na Fundação Thiers, na qual é bolsista, de 1909 a 1912. Marc Bloch, nesse trio, sofre uma influência decisiva, a do durkheimianismo aberto à história. Louis Gernet, futuro grande helenista, colabora com François Simiand no Année

sociologique. Publica sua tese em 1917 e sua obnra-prima. Lê Génie grec dans sa religion, em 1932, na coleção de Henri Berr. Defende uma concepção globalizante no estudo dos fatos sociais e mentais, realiza a simbiose entre etnologia e história na linhagem de Marcel Mauss, ou seja, a do fato social total. Além de influenciar Marc Bloch, Louis Gernet também anuncia muito mais, a brilhante escola francesa de antropologia histórica da Grécia antiga: Jean-Pierre Vernant, Pierre Vidal-Naquet, Marcel Détienne, François Hartog, Nicole Lourax... Encontra-se ao lado de Marc Bloch nos *Annales* e vê nesse último, “mais do que entre os sociólogos, o verdadeiro herdeiro da tradição durkheimiana” [81]
Marc Bloch é também influenciado por Marcel Granet,

79. A. MEILLET. *Aperçu d'une histoire de la langue grecque,* 1913, p. 1 74.
80. M. BLOCH. "Technique et évolution sociale". *Europe,* 1938. pp. 23-32, reeditado em *Mélanges M. Bloch, op. clt.,* pp. 833-838.
81. R. DI DONATO, *Annales.* 1982. pp. 984-996.

grande slnólogo cujos trabalhos alcançaram rapidamente, no pós-guerra, prestígio[82]. Marcel Granet leva Marc Bloch a compartilhar seu Interesse pelos ritos, pelos mitos, pela psicologia comparada e pelos sistemas de crenças; muitos temas que vão permitir a eclosão da obra-prima precoce de Marc Bloch: *Les Rois thaumaturges* (1924)[83]. Marc Bloch não limita sua abordagem do mental ao domínio do pensamento consciente estruturado, perscruta as correlações entre atitudes religiosas e realidades sociais para compreender as Implicações sociais da história da religião e as implicações religiosas da história social. A Igreja pertence, nessa escritura histórica, à fronteira de dois mundos, o ideal e o material. Entre essas duas ordens, Marc Bloch não busca relação de causalidade, mas as relações de Interdependência em estudos sincrônicos. Ao contrário de Luclen Febvre, a psicologia social de Marc Bloch não se distancia do substrato social e se refere a diversas categorias. Está bem próxima, portanto, do que se denominará antropologia histórica e quando abre caminho para a história do corpo, das épocas da vida, das emoções, enuncia os futuros objetos privilegiados que serão retomados, um a um, pela terceira geração dos *Annales,* embora esquecendo a vontade totalizante de Marc Bloch. Como Luclen Febvre, Marc Bloch reage contra a concepção passiva do historiador que prevalece na escola historicizante e privilegia, ao contrário, o questionamento, as hipóteses colocadas à prova dos fatos e não escritas sob seu ditado. No plano da história das mentalidades ele abre, desse ponto de vista, outra perspectiva muito rica, ao apelar para que o historiador esteja mais atento ao não-dlto pelos documentos: "Aquilo que o texto expressamente nos diz deixou de ser hoje o objetivo preferido de nossa atenção"[84]. Ao tomar, como exemplo, as hagiografias escritas na Alta Idade Média, demonstra que essas vidas de santos não nos ensinam nada sobre as personagens que pretendem descrever; em contrapartida, elas são uma mina para o historiador que se Interroga sobre as categorias mentais da época. Marc Bloch Integra também novas fontes, novos objetos, para delimitar as mentalidades da Idade Média, não se limita ao documento escrito, mas o enriquece com a iconografia, com o estudo dos rituais..., muitos meios para ter acesso ao Inconsciente das práticas sociais. Encontra-se aqui, tanto por seus objetos quanto por sua vontade hermenêutica, o mesmo percurso da antropologia. Uma experiência, a existencial, conduziu Marc Bloch para a via dos estudos dessas estruturas profundas, dessas categorias mentais: trata-se da guerra 1914-1918, na qual participa como soldado mas também como historiador que reflete sobre a sua vivência: "A psicologia dos soldados e dos homens de 1914-1918 vai esclarecer a atitude das pessoas da Idade Média diante do milagre real"[85]. É assim que, por um percurso regressivo, o projeto do futuro livro, *Les Rois thaumaturges,* amadurece durante a guerra, enquanto se dedicava a outros assuntos Inteiramente centrados na história rural da Ile-de-France. Confidencia, no entanto, a Charles-Edmond Perrin, em 1919: "Quando houver terminado [a pesquisa sobre] os meus "rurais", abordarei o estudo da unção na cerimônia de sagração real em Reims"[86]. Como a guerra pode levar Marc Bloch a questionar-se sobre o poder dos reis de curar os escrofulosos? Através da mediação de uma reflexão sobre o testemunho, o boato e a falsa notícia. A história verdadeira, autêntica, não é a única a dar a Impressão do real: "As falsas notícias /.../ preencheram a vida da humanidade"[87]. Perceber o mecanismo da propagação, delimitar o terreno favorável, esse é o objeto de estudo de Marc Bloch, que clama pelo desenvolvimento da psicologia coletivo, da psicologia do testemunho ainda balbuciante. Narra a captura de uma sentinela alemã por seu regimento de Infantaria, em setembro de 1917, ao norte da cidade de Braisne, nome mal percebido e confundido com Brême; logo o alemão passa por espião estabelecido em Braisne. A transfiguração não se realizou em nenhum lugar, nem sobre o *front* nem na retaguarda, mas nesse momento entre os dois, essa retaguarda relativa em que os grupos de regimentos diferentes se cruzam, em que a censura é total, em que a angústia da morte torna cegos e obcecados os soldados na espera: "A guerra foi uma experiência imensa de psicologia social"[88]. Nessa experiência, Marc Bloch, a partir de um discurso recorrente que preconiza como modelo. Interroga a crença coletivo no poder de cura dos reis, para daí concluir que se trata de "uma gigantesca falsa notícia". No entanto, quando estuda seu objeto de história mental, Integra-o em uma perspectiva global, ampla pelo espaço abrangido, longa

82. M. GRANET. *Fetos et chansons anclennes de la China* (1919): *La Rollglon dos chlnols* (1922).
83. Ver prefácio de J. LE GOFF à edição de 1983 de *Les Rols thaumaturaos.* d» M. BLOCH. Gallimard.
84. *M.* BLOCH, *Apologia pour /histoire, op. clt.,* p. 62.
85. J. LE GOFF. prefácio a *Los Rols Thaumaturgos,* de M. BLOCH. Gallimard. 1983. p. VII.
86. Ch. E. PERRIN, prefácio. *Mélanges M. Bloch, op. clt.,* pp. X-XI.
87. M. BLOCH, "Reflexions d'un hlstorien sur les fausses nouvelles de la guerra", *Revue de synthèse hlstorique,* 1921, reeditado em *Mélanges M. Bloch. op. clt.,* p.43.
88. *Ibid.,* p.57.

pela duração, e Integra todos os aspectos da sociedade, sem deixar de lado o estudo do aspecto político que se encontra, ao contrário, no próprio coração do livro: "O que eu quis dar aqui, é essencialmente uma contribuição à história política da Europa, em sentido amplo, no verdadeiro sentido da palavra"[89]. Questiona-se sobre a força, a vitalidade, a permanência do sentimento de lealdade para com o poder monárquico e vê no caráter sobrenatural desse último a possível explicação. Não se contenta apenas em constatar essa prática real de cura, como também se questiona sobre o acolhimento desse milagre: "Estamos aqui longe da história das idéias tradicionais, da tradição positivista ou idealista"[90]. Contudo, tanto em Lucien Febvre no *Rabelais,* quanto em Marc Bloch, encontram-se certos resíduos de um julgamento racionalista sobre o milagre real. Julga-o em nome da razão consumada e relaciona o milagre dos abcessos ou das escrófulas (equivalente à adenite tuberculosa) ao "sistema psicológico que se pode, por dupla razão, qualificar de primitivo: à primeira vista, porque carrega a marca de um pensamento ainda pouco evoluído e todo mergulhado no irracional e também porque o encontramos em estado particularmente puro nas sociedades que convencionamos chamar de primitivas"[91]. Marc Bloch Inspira-se nos trabalhos antropológicos existentes, os de Frazer e de Lévy-Bruhl, trabalhos impregnados de positivismo e que opõem o espírito superior e lógico do Ocidente à mentalidade primitiva, à mitologia, percebidas como expressões de debilidade mental, abordagem pela qual Lévi-Strauss definiu seu destino, em 1962, com a obra O *Pensamento selvagem.* A utensilagem mental de Marc Bloch permanece, portanto, nesse domínio, tributária de uma antropologia ainda na infância e fechada nos preconceitos euro-cêntrlcos. Há, portanto, multas dificuldades para superar a dupla explicação tradicional dos fenômenos religiosos que ele recusa: a explicação voltairiana que valoriza a obra consciente e individual, e a explicação romântica que privilegia as forças profundas e obscuras da sociedade. Em todo caso, não é de subestimar essa demonstração magistral de um poder cuja legitimidade não se limita à afirmação de suas prerrogativas concretas, Jurídico-políticas, mas que se apeia no Ideal e nos fundamentos mágicos. Marc Bloch lança também as bases de uma história das idéias renovada, que se alimenta mais dos fatos da vida quotidiana do que das obras teóricas. Os rituais de cura, da sagração, da unção real são Os pontos centrais dos conflitos entre a Igreja e os príncipes temporais. A luta é violenta nesse *front* em que se joga o primado das duas ordens dominantes da sociedade medieval: aqueles que rezam e aqueles que guerreiam. Os grego-rianos, na vontade de fazer a partilha entre o sagrado e o secular, não conseguiram desenraizar o atributo mágico do poder real. Este último, ao diminuir sua força nos séculos XVI XVII, vai apoiar-se - mais do que nunca - no caráter divino de seu chefe. Luís XIV e os Stuart do outro lado do Canal da lancha serão objeto de uma idolatria cada vez mais popular: "O absolutismo é uma espécie de religião"[92]. É a contestação política do absolutismo que vencerá essa crença tanto da Inglaterra com a Revolução do século XVII quanto na França com o desenvolvimento das Luzes no século XVIII e a Revolução de 1789. Com os progressos do racionalismo e o enfraquecimento do absolutismo desaparece uma concep-*}ão* do universo e nasce um mundo novo. Marc Bloch, cujo objeto principal é de ordem antropológica, terá plenamente feito obra de historiador, não somente ao historicizar essa crença, mas ao recolocá-la no tecido social, no qual ela nasceu e prosperou. Da mesma maneira, mais tarde, quando estuda a sociedade feudal, ele a aborda primeiro e sobretudo enquanto mentalidade feudal. Pouco importa a acusação de sociologismo feita por Lucien Febvre, pois essa obra tenta sobretudo localizar uma estrutura mental específica. A primeira parte destaca bem a "maneira de sentir e de pensar"[93]. Mostra uma sociedade indiferente ao tempo, não por causa da imperfeição das técnicas, mas revelada por essa imperfeição. Sob esses traços gerais, identiflcam-se a mentalidade do camponês, do clérigo, do nobre, tantas aspirações, tantas maneiras de viver multo diferentes e que, no entanto, coexistem em uma mesma sociedade, sem ultrapassar certo número de linhas de clivagens, de conflitos, que se deslocarão no curso da evolução social. A tentativa de construção da psicologia coletivo por Marc Bloch assemelha-se, portanto, muito mais do que a tentativa de Luclen Febvre, à antropologia em gestação, ao estruturalismo *avant la lettre.* Trata-se de um marco essencial na história das ciências sociais e conhecerá filiação bem fecunda.

89. M. BLOCH, *Los Rols thaumaturges* (1924). A. Colin. 1961. p 21.
90. J. LE GOFF. prefácio a *Les Rols thaumatuges,* op. *clt.,* p. XIX.
91. M. BLOCH. *Les Rols thaumaturges* (1924). Gallimard. 1983. p.52.
92. *Ibid.,* p.345.
93. M. BLOCH. *La Societé féodale.* 1986, t.l. livro 2, cap.2. p.115.

A HERANÇA

Quando lemos sob a pena de Voltaire: "Apenas foi feita a história dos reis, mas não foi feita a da nação, parece que durante 1.400 anos houve nas Gálias somente reis, ministros e generais, mas nossos costumes, leis, hábitos, vestuário e espírito não estão lá?"[94], cada um se questiona o que Inventaram realmente os *Annales,* a não ser realizar o programa já esboçado desde o século XVIII. Voltaire retoma esse programa na obra *Nouvelle consldératlons sur l'histoire* (1 744) e aplica-o em *Essal sur les moeurs et l'esprit des nations* (1 740-1 756). Chateaubriand, mais tarde, no prefácio aos *Études hlstoriques* (1831) escreve o que Jacques Le Goff qualifica de verdadeiro manifesto da Nova História[95]: "Agora, a história é

uma enciclopédia, é preciso enfiar tudo nela, desde a astronomia até a química, desde a arte do financista até a do manufator, desde o conhecimento do pintor, do escultor e do arquiteto até o do economista". Mas aquele cuja concepção de história aparece como a mais próxima dos *Annales,* sem o aparelho estatístico, com mais romantismo, é Jules Michelet, hoje apresentado como o papa da Nova História, tardiamente canonizado. É também desvinculado da escola histórica dominante: "Descobri a França, ela tinha anais mas não uma história"[96]. Apresenta-se crítico diante de Guizot e Thierry, pois censura-os - como também o fazem Marc Bloch e Lucien Febvre diante de Langlois, Lavisse ou Seignobos - por privilegiarem uma ínfima película da história: "A história /.../ me parecia ainda fraca por seus dois métodos: multo pouco material, levando em conta as raças, não o solo, o clima, os alimentos, nem as circunstâncias físicas e fisiológicas. Multo pouco espiritual, falando de leis, de atos jurídicos, não de idéias, de costumes, não do grande movimento progressivo e interior da alma nacional"[97]. Michelet quer criar uma história total, reunindo todos os aspectos da realidade em um mesmo movimento. Compreende-se multo melhor porque se reabilita Michelet no momento em que os fenômenos reprimidos estão em voga na Nova História. Ele foi, de fato, aquele que começou a se interessar pelas bruxas, pelo Irracional, pela heresia, pelos excluídos e pela cultura popular. Houve, portanto, revolução dos *Annales* ou simples retomada da herança cujas bases foram lançadas por Voltaire e Michelet? Pode-se responder a essa questão com André Burguière, segundo o qual os *Annales* são mais originais pela maneira pela qual os iniciadores afirmam o programa do que pelo próprio programa. Em todo caso, reconhece-se esse programa como Inovador em relação à escola metódica dominante, e é pelo olhar dessa escola que se julga a ruptura epistemológico codificada pelos *Annales.*
No entanto, na vontade Inovadora, Marc Bloch e Luclen Febvre permanecem essencialmente fiéis a certas orientações que fundamentam a história como disciplina específica no campo das ciências sociais. Não alinham completamente a história no terreno das disciplinas vizinhas. Ao contrário, são bem-sucedldos ao arrastar as ciências sociais para o terreno da história. Seria necessário, portanto, perceber em que permaneceram fiéis a certo número de orientações essenciais e quais as rupturas que efetuaram.
Os *Annales,* Já vimos, não são portadores de uma filosofia da história e recusam todo dogmatismo para melhor trazer à sua causa as ciências sociais vizinhas. Dessa leveza artística, resulta certo número de contradições nas próprias propostas dos dois diretores, quanto àquilo que recobre a globalidade histórica. No mesmo artigo, Luclen Febvre considera sucessivamente essas duas propostas contraditórias na análise dos laços entre as diversas instâncias do real: "Em cada período da história, é a estrutura econômica da sociedade que, ao determinar as formas políticas, comanda também os costumes sociais e até a direção geral do pensamento e até a orientação das forças espirituais". Acreditar-se-ia estar lendo a versão stalinista, economicista de Marx, mas pouco depois ele corrige o tiro: "A Reforma, filha do capitalismo ou, ao contrário, o capitalismo fruto da Reforma: não, mil vezes não. É preciso substituir o dogmatismo dessa Interpretação tão simples, da seguinte forma: é necessário ressaltar a jovem noção de Interdependência dos fenômenos"[98]. Nem Marx nem Jesus, ou melhor, nem Marx nem Weber, pois Luclen Febvre lhes opõe a concepção de totalidade-magma em que tudo depende de tudo e vlce-versa. Marc Bloch qualifica mesmo o tempo histórico de plasma: "O tempo da história é, pelo contrário, o próprio plasma em que se banham os fenômenos e o lugar da sua Inteligibilidade"[99]. Para Marc Bloch, a decomposição do real é o melo de apreensão do real, o

94. VOLTAIRE, *Carta ao marquês d'Argenson,* 26/01 /l 740.
95. J. LE GOFF. to *Nouvelle histoire, op. clt.* p.223.
96. MICHELET. *UWstolre de France,* prefácio. 1869.
97. *Ibid.*
98. L. FEBVRE, *Pour une histoire à part entière, op. clt,* pp.364-365.
99. M. BLOCH. *Apologie pour Vhistoire, op. clt..* p.36.

primeiro estágio da análise, mas com a condição de ter a perspectiva globallzante: "O perigo começa somente quando cada projetor pretende ser o único a ver tudo; quando cada cantão do saber se toma por uma pátria"[100]. O conhecimento histórico não pode, aliás, resultar do empilhamento dos diversos fragmentos do saber separadamente estudados. Da mesma maneira que uma multidão não é a soma de Indivíduos, a história não é a soma dos objetos sucessivamente estudados, uns em relação aos outros; ela só pode existir na recuperação das interações entre os diversos níveis do real. Embora a noção de plasma permaneça multo fluida sobre a natureza das relações Internas de um sistema social, ele não concebe esse sistema como a justaposição do *Homo oeconomicus,* do *Homo religiosus,* do *Homo politicus...* mas no esboço de uma síntese a partir de conceitos, como por exemplo, o de regime agrário na obra *LEs Caracteres orlglnaux,* ou o de sistema feudal cuja unidade ele destaca em *A Sociedade Feudal.*
Os historiadores dos *Annales* estão pouco preocupados em descobrir as leis na história. Seu empirismo espontâneo conduziu-os a se concentrarem no *como,* muito mais do que no *porquê,* apesar do conceito de hlstórla-problema. Esse traço reata também os *Annales* à continuidade do discurso histórico. Marc Bloch e Luclen Febvre permaneceram partidários de uma escritura antropocêntrica, o homem é o único objeto de preocupação do historiador, ele é o próprio sentido de seu trabalho. Certamente, esse homem não é realmente o mesmo da escola metódica, que privilegiava os grandes, os mais altos responsáveis do estado; trata-se, aqui, mais do homem dos trabalhos e dos dias, do homem médio. Mas, apesar desse deslocamento espacial, a história continua a ser a história humana: "Não há história a não ser a do homem /.../ a história, ciência humana, e então, os fatos, sim: mas são fatos humanos; tarefa do

historiador"[101]. É o tema característico do discurso dos *Annales* do primeiro período, apesar de suas perspectivas cientificistas. Marc Bloch e Luclen Febvre não teriam certamente apreciado esse deslocamento do território do historiador para zonas em que o homem está descentralizado ou até ausente, como o fez Emmanuel Le Roy Ladurie[102], que apresentava sua obra como a realização de uma verdadeira revolução copérnlco-gali-

100. *Ibid.,* p. 126.
101. I. FEBVRE. *Combats pour f histoire, op. clt.* pp. 12-13: "Laçon d'ouvorture au Collège de Franca', *op. clt.*
102. E. LE ROY LADURIE. *Histoire du ollmat depuls l'an 1.000.* Fkarnmarlon, 1967.

liense das ciências humanas. O próprio Marc Bloch teria recusado à obra o qualificativo de obra histórica: "São os homens que a história pretende apreender. Quem não o conseguir será, quando multo e na melhor das hipóteses, um servente da erudição"[103]. O homem permanece no centro do discurso dos *Annales,* ele é o objeto da história, como diz Lucien Febvre, no mesmo plano em que a rocha está para o mineralogista, o animal para o biólogo ou a estrela para o astrofísico: "Uma coisa a explicar. A fazer compreender"[104]. O homem dos *Annales* é o homem médio, não o homem eterno, não a natureza humana, mas o homem social percebido no meio da sociedade circundante, pois a história dos *Annales* dos anos 30 não é esse mar parado, esse tempo Imóvel que ela se tornará mais tarde. A história era, então, a ciência da mudança. Esse tema retorna constantemente nas palavras dos dois diretores dos *Annales.* Revista lançada em um mundo em plena perturbação, sua prática da história consiste em explicar a mudança, em torná-la Inteligível. Em termos semelhantes, Marc Bloch e Luclen Febvre afirmam essa vocação da história: "História, ciência da mudança perpétua das sociedades humanas"[105]. "A história é, por essência, a ciência da mudança."[106] Marc Bloch denuncia o mito da pretensa Imobilidade da vida rural, na obra *Les Caracteres orlglnaux.* O que ele diria das teses atuais sobre a imobilidade do tempo durante quatro ou cinco séculos? Compreende-se melhor agora, após ter visto o como, o porquê do sucesso da empresa dos *Annales.* Encontram-se no discurso dos *Annales* multas chamadas para conseguir a adesão das ciências humanas à empresa, mas por trás dessas renovações, o pedestal histórico permanece sólido e permite a resistência a toda diluição daquilo que faz a especificidade da história. Marc Bloch e Lucien Febvre tornaram-se inovadores devido tanto ao sucesso estratégico quanto à herança que defendem, no difícil confronto com outras metodologias e outros conceitos, muitas vezes ligados a um aparelho de cientificidade mais avançado. O estudo de uma duração, global, com o homem no centro, e preocupando-se essencialmente com as mudanças: eis aquilo que as outras ciências sociais, com exceção da história, não podem reivindicar.
Entretanto, o discurso dos *Annales* de hoje está, em muitos pontos, em contradição, em oposição ao de Lucien Febvre

103. M. BLOCH. *Apologie pourl[4]histoire, op. clt..* p.35.
104. L. FEBVRE. *Combats pour Vhistoire, op. clt..* p.117.
105. *Ibid.,* p. 31.
106. M. BLOCH, *UÉtrange défaite, op. clt.,* p.137.

e ao de Marc Bloch. A geração atual não hesita em se desvencilhar do pedestal histórico preservado pelos dois fundadores da escola, e se alinham de tal forma no terreno das ciências sociais que a história se arrisca a perder sua Identidade. De tanto querer conservar o poder e comandar todas a ciências sociais, os membros dos *Annales* acabam por matar a história ! O que diriam disso os pais espirituais? Para fazer calar a sombra deles, são elogiados com frenesi, são enaltecidos, multiplicam-se as coroas fúnebres, mas não seria com o Intuito de abonar a traição da herança? Há um elo perdido e essencial a ser estudado, antes de chegar aos *Annales* de hoje: é a época braudeliana.

II
OS ANOS BRAUDEL

1. A OFENSIVA

A EXPLOSÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Quando a Segunda Guerra Mundial termina, temos um mundo novo que se constrói sobre as ruínas. A história, em convulsões, conturba mais uma vez a consciência dos historiadores do Ocidente. A nova situação assemelha-se àquela do pós-1914-1918, mas cada elemento é levado ao paroxismo. Assistimos a uma ampliação de cada um dos fenômenos Já observados nos anos 20. O declínio da Europa ocidental está cada vez mais manifesto, e a sorte do mundo, que se Joga sucessivamente em Teerã, Malta e